

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MARIA ISABELLE EVANGELISTA DE ASSIS

CONSTRUINDO VERBETES PARA A WIKIPÉDIA: figuras indígenas na história da
Missão do Maranhão

IMPERATRIZ
2024

MARIA ISABELLE EVANGELISTA DE ASSIS

CONSTRUINDO VERBETES PARA A WIKIPÉDIA:

figuras indígenas na história da Missão do Maranhão

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, como exigência para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Corrêa Custódio

IMPERATRIZ
2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Assis, Maria Isabelle.

Construindo Verbetes Para A Wikipédia : Figuras Indígenas Na História da Missão do Maranhão / Maria Isabelle Evangelista de Assis. - 2024.

36 p.

Orientador(a): Maria Aparecida Corrêa Custódio.
Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2024.

1. Povo Tentehar-guajajara. 2. Conflito. 3. Século Xx. 4. Meios Digitais. 5. . I. Custódio, Maria Aparecida. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA ISABELLE EVANGELISTA DE ASSIS

CONSTRUINDO VERBETES PARA A WIKIPÉDIA: figuras indígenas na história da Missão do Maranhão

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão UFMA/CCSST, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____/____/____

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Aparecida Corrêa Custódio (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Dra. Thaisa Cristina Bueno (1ª Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Dra. Rita Maria Gonçalves de Oliveira (2ª Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

A honra de uma cultura se revela na maneira como ela trata seus mais antigos e valoriza suas histórias.

Darcy Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Primordialmente, agradeço a Deus por me conceder saúde e força para concluir esta etapa. À minha família, pelo apoio incondicional e por acreditarem em mim em todos os momentos, por todo o carinho e incentivo ao longo desta jornada. Dessa forma, gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço à FAPEMA pela bolsa de estudos e à minha orientadora pelo apoio inestimável ao longo dessa jornada, por sua orientação, paciência e valiosas contribuições. Sua expertise e dedicação foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

A todos, o meu sincero muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho buscou construir verbetes sobre as lideranças Guajajara (autodesignados Tentehar), históricas e contemporâneas, que estiveram envolvidas com a missão indígena capuchinha entre o final do século XIX e início do século XX, em especial, no contexto da rebelião que pôs fim à Colônia de Alto Alegre e seu internato para meninas indígenas na região de Barra do Corda/MA em 1901. Trata-se da maior rebelião indígena no Brasil do século XX, conhecida como Massacre de Alto Alegre. Os objetivos da pesquisa foram construir verbetes e publicá-los na Wikipédia, examinar os indígenas como agentes táticos e/ou estrategistas na relação com os não indígenas, aplicar questionários para aferir a percepção dos verbetes, investigar formas digitais de divulgação da pesquisa histórica. A metodologia adotada foi de uma pesquisa bibliográfica de obras clássicas e contemporâneas sobre a história dos Guajajara da região de Barra do Corda. Em seguida, procedeu-se à síntese dessas pesquisas e à transposição para uma escrita didática dos conteúdos a fim de serem publicados na Wikipédia. Utilizou-se uma pesquisa de opinião para aferir a percepção de visitantes digitais sobre os tópicos produzidos e inseridos no subtítulo “Conflito com os brancos” da página “Guajajaras” da Wikipédia. Os resultados indicam a importância de contribuir com a disseminação da história da resistência indígena no contexto missionário e social da política indigenista, reler a história do ponto de vista indígena e divulgá-la por meio de ferramentas digitais.

Palavras-Chave: Povo Tentehar-Gujajara; Conflito; Século XX; Meios digitais.

ABSTRACT

This work sought to build entries on the historical and contemporary Guajajara (self-designated Tentehar) leaders who were involved with the Capuchin indigenous mission between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, especially in the context of the rebellion that put an end to the Colônia de Alto Alegre and its boarding school for indigenous girls in the region of Barra do Corda/MA in 1901. This is the largest indigenous rebellion in Brazil in the 20th century, known as the Alto Alegre Massacre. The objectives of the research were to construct entries and publish them on Wikipedia, examine indigenous people as tactical agents and/or strategists in relationships with non-indigenous people, apply questionnaires to gauge the perception of entries, and investigate digital forms of disseminating historical research. The methodology adopted was a bibliographical research of classic and contemporary works on the history of the Guajajara in the Barra do Corda region. Then, proceed with the synthesis of this research and the transposition of the content into didactic writing in order to be published on Wikipedia. An opinion survey was used to assess the perception of digital visitors about those described and included in the subtitle “Conflict with white people” on the “Guajararas” page on Wikipedia. The results indicate the importance of contributing to the dissemination of the history of indigenous resistance in the missionary and social context of indigenous policy, rereading the history tools from the indigenous point of view and disseminating it through digital media.

Keywords: Tentehar-Guajajara People; Conflict; 20th Century; Digital Media.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: IDENTIFICAÇÃO DOS VISITANTES DIGITAIS	23
TABELA 1: CONSULTA À WIKIPÉDIA	24
TABELA 2: CONHECIMENTO DO VERBETE “GUAJAJARAS”	24
TABELA 3: HISTÓRIA DA REBELIÃO DE ALTO ALEGRE.....	24
TABELA 4: TÓPICO “RESISTÊNCIA EM ALTO ALEGRE”	26
TABELA 5: TÓPICO “MEMÓRIAS”	26

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Tema, problema e objetivos	11
1.2 Metodologia	12
1.3 Minha participação na pesquisa	13
2 TÓPICOS PRODUZIDOS PARA O VERBETE “GUAJAJARAS” DA WIKIPÉDIA	17
2.1 Resistência em Alto Alegre	17
2.2 Memórias	19
3 RESULTADOS	22
3.1 Sistematização e discussão dos dados	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE.....	33
ANEXO	36

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve início em 2020 a partir de uma iniciação científica vinculada a um projeto de pesquisa intitulado “Índios e missionários na Amazônia republicana: educação, religião e política”. A pesquisa foi realizada nos anos de 2020 e 2021, durante a pandemia da Covid 19. Portanto, grande parte dos trabalhos foi realizada de forma remota e em um contexto de tensão e preocupação com a saúde pública, familiar e pessoal.

Além disso, a pesquisa foi realizada durante o mandato de um governo federal que visava a integração dos povos indígenas à sociedade brasileira sem, no entanto, respeitar seus direitos humanos e sociais. Como afirmou a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha, “Integração no Brasil é sempre pensada como uma assimilação cultural, o que é absolutamente errado. Os indígenas não querem ser assimilados, poderiam, se quisessem. Mas não é essa a ideia.”¹

Em outras palavras, os indígenas nunca quiseram ser assimilados. Este trabalho mostra isso a partir da Missão do Maranhão (1894-1922), desenvolvida pela Ordem dos Frades Menores Capuchinhos da província religiosa da Lombardia (região que fica no Norte da Itália). Essa missão compreendeu uma série de atividades entre as quais se destaca a criação de “institutos de índios” ou “institutos de educação” como trata a literatura especializada (Amoroso, 1998).

O ponto forte da missão indígena no Maranhão, sem dúvida, foi o Instituto de Meninos Índios de Barra do Corda (1895-1910), localizado no Centro-Sul do estado maranhense, que promovia a educação de meninos e jovens em sistema de internato, oferecendo instrução elementar (ler, escrever e contar), formação religiosa, educação profissional e educação musical. Os princípios catequético-pedagógicos desse instituto eram pautados na conversão ao cristianismo e educação com vistas à integração da população indígena ao conjunto da sociedade brasileira. Contava com apoio do Estado maranhense por meio de subsídios financeiros.

O ponto fraco da missão indígena no Maranhão foi a rebelião de Alto Alegre

¹ Manuela Carneiro da Cunha. “Integração do índio não pode ser pretexto para assimilação cultural”. *Atualidades*, Unicamp, 12 de novembro de 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2019/11/12/integracao-do-indio-nao-pode-ser-pretexto-para-assimilacao-cultural>. Acesso em: 10/09/2020.

(1901) liderada pelo povo Guajajara (autodesignados Tentehar) que era a maioria na região, pondo fim à colônia indígena (1896-1901) e ao Instituto de Meninas Índias (1899-1901) que lá funcionava. Essa rebelião representou um divisor de águas na vida dos frades e dos próprios Tentehar.

Para os capuchinhos, o evento de Alto Alegre representou um ato demoníaco e a conspiração de “homens ímpios” contra a missão, ou seja, maus cristãos não observantes da doutrina católica, especialmente fazendeiros e comerciantes, os quais teriam incitado os indígenas a se revoltarem contra os frades (Nembro, 1955, p. 41). Para os Guajajara, foi um ato em defesa de seus costumes como a autonomia para educar suas meninas, organizar sua sociedade e território que estavam sendo modificados pela ação civilizatória dos frades e dos não indígenas que viviam na colônia e outros que se apropriavam indevidamente das terras indígenas circunvizinhas da missão (Zannoni, 1999; Gomes, 2002; Custódio, 2020).

Em suma, tanto o Instituto de Índios de Barra do Corda como a Colônia de Alto Alegre e seu internato feminino foram marcantes para o povo Guajajara e repercutem na memória de seus descendentes até os dias de hoje. A nosso ver, é preciso reler essa história no sentido de conferir maior agenciamento e visibilidade aos indígenas históricos e seus descendentes, os quais aparecem dispersos na literatura especializada e ocupam o lugar de personagens anônimos na história da Missão do Maranhão (Carvalho, 2017).

1.1 Tema, problema e objetivos

A temática da pesquisa é a produção de verbetes sobre as lideranças Guajajara, históricas e contemporâneas, que de alguma forma estiveram envolvidas com a missão indígena capuchinha entre o final do século XIX e início do século XX, em especial, no contexto da rebelião que pôs fim à Colônia de Alto Alegre e ao instituto de meninas que lá funcionava.

A problemática que permeia este trabalho é a necessidade de resgatar e disseminar a história e as narrativas das lideranças Guajajara, particularmente no contexto da rebelião que culminou no Massacre de Alto Alegre. O estudo enfrenta o desafio de reconstruir esses eventos históricos sob uma ótica indígena e de promover sua acessibilidade por meio de plataformas digitais, como a Wikipédia, para um público mais amplo, com ênfase na juventude universitária. A pesquisa se propõe a

preencher uma lacuna no conhecimento sobre a resistência indígena e as políticas indigenistas no início da República no Maranhão, evidenciando a importância de reinterpretar e propagar a história indígena brasileira de uma maneira que seja tanto informativa quanto inclusiva.

Diante do exposto, o objetivo geral do trabalho foi construir verbetes sobre indígenas e seus descendentes envolvidos com a rebelião de Alto Alegre e publicar na página da Wikipédia. E os objetivos específicos foram examinar os indígenas como agentes táticos e/ou estrategistas na relação com os não indígenas, aplicar questionários para aferir a percepção dos verbetes, investigar formas digitais de divulgação da pesquisa histórica.

A escolha da Wikipédia se deve ao fato de que ela é um bom sítio para escrever e atualizar verbetes; é uma plataforma de grande amplitude em que se pode navegar facilmente e onde muitas pessoas pesquisam. Além disso, o uso da Wikipédia é oportuno para investigar formas digitais de divulgação da pesquisa histórica.

1.2 Metodologia

A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa. No plano de trabalho havia a indicação de que se faria pesquisa documental e bibliográfica. Contudo, ao se estudar as regras de edição de verbetes na Wikipédia verificou-se que é proibida a publicação de artigos inéditos. Por essa razão, foi adotada a pesquisa bibliográfica, utilizando dados já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados (Severino, 2007, p. 12).

Para se construir os verbetes foram consultadas obras clássicas e contemporâneas sobre o povo Guajajara em seu contato com os missionários capuchinhos em Barra do Corda. Nessas obras foram garimpadas as figuras indígenas que aparecem dispersas, muitas delas personagens anônimas que desempenharam um papel muito relevante no contexto da rebelião que pôs fim à missão capuchinha em Alto Alegre.

Em termos práticos, foram produzidos dois tópicos: 1) Resistência em Alto Alegre e 2) Memórias como aprofundamento do subtítulo “Conflito com os brancos” do verbete “Guajajaras”. Os personagens selecionados para compor os tópicos foram: 1) as lideranças do movimento de rebelião de Alto Alegre: João Caboré (Cauiré Imana é seu nome indígena), Manoel Justino e outros; 2) José Vianna, indígena crítico da

rebelião; 3) Mundico Carvalho, guardião da memória da revolta; 3) descendentes de João Caboré (seus netos).

Após árduo processo de revisão do texto procedeu-se à edição na página “Guajajaras” em 2021. Para o administrador da Wikipédia, justificou-se a inclusão dos tópicos, primeiro “Resistência em Alto Alegre” e, em decorrência dele, “Memórias”, bem após o tópico “Conflito com os brancos” (que já havia sido escrito na página da Wikipédia, mas relatava apenas conflitos de terra dos anos 1970), porque é um tema que dá continuidade à questão do conflito com os brancos. Foi explicado também que foram feitas as devidas referências, só não se conseguiu destacar palavras no texto como deveria ser uma página de hipertexto. E que essa contribuição fazia parte de um trabalho de iniciação científica.

Em seguida, ao longo do primeiro semestre de 2021, procedeu-se a uma pesquisa de opinião para aferir a percepção e o impacto dos tópicos publicados. Foram convidados 15 jovens universitários para acessar a página “Guajajaras”, ler os tópicos produzidos e responder a um questionário com questões abertas e fechadas. Esses jovens podem ser considerados visitantes digitais na mesma acepção de Dudeney, Hockly e Pegrum (2016): são usuários frequentes da internet.

Não foi preciso elaborar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido porque os colaboradores foram esclarecidos de que os usos das informações estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos. Nesse sentido, a identidade de cada um está preservada e não será divulgada em hipótese alguma.

1.3 Minha participação na pesquisa

Minha jornada na pesquisa começou em um momento peculiar, marcado pela incerteza da pandemia da Covid-19. Ao ingressar no Grupo de Pesquisas História das Instituições, Práticas Educativas e Sujeitos Históricos fui apresentada a dois planos de trabalho de iniciação científica, cada qual oferecendo uma rota única de descobertas e aprendizados. Optei pelo plano "Wiki", uma escolha motivada pela necessidade de explorar novas formas de disseminação do conhecimento histórico em um contexto digital e desafiador.

Durante os meses que se seguiram, as reuniões periódicas com os colegas bolsistas se tornaram não apenas momentos de atualização sobre o andamento dos planos, mas também espaços de troca de experiências e apoio mútuo em meio às

dificuldades impostas pela pandemia. Mensalmente, mergulhei nos materiais de estudo, explorando obras como "O Índio na História", de Mércio Pereira Gomes (2002) e registros históricos como os do jornal "O Norte" compilados por Zannoni (1994), dentre outros supracitados. Cada página lida e cada palavra absorvida contribuíram para uma compreensão mais profunda do contexto estudado da micro a macro história.

A culminância desse processo veio com a participação no Seminário de Iniciação Científica (SEMIC) de 2021, onde tive a oportunidade de apresentar o trabalho e submeter um vídeo sintetizado no drive, disponibilizado um link, a qual todos poderiam ter acesso ao meu projeto. Esse momento marcou não apenas o fim de uma etapa, mas também o início de uma nova fase em minha jornada acadêmica.

A partir daí, surgiu uma oportunidade única: o edital para o Prêmio FAPEMA² 2020: Cientistas do Território Maranhense. Esse prêmio, promovido pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão, reconhece e celebra o trabalho dos pesquisadores que se dedicam ao avanço da ciência e da inovação em nosso estado.

Com o apoio e incentivo da minha orientadora, submeti a pesquisa para avaliação e, para minha alegria e surpresa, fui selecionada como um dos finalistas na categoria Jovem Cientista, destinada a estudantes e egressos da graduação. A cerimônia de premiação, realizada em dezembro de 2022, foi um momento de celebração e reconhecimento não apenas da pesquisa, mas também de todo o esforço e dedicação.

Ao receber a menção honrosa pela FAPEMA, senti-me não apenas honrada, mas também encorajada a continuar trilhando o caminho da pesquisa e da descoberta.

Durante minha trajetória, tive a oportunidade enriquecedora de explorar a história e as narrativas das comunidades indígenas. Esse projeto despertou em mim uma paixão profunda por compreender as questões de justiça que permeiam o passado e o presente dessas comunidades no Maranhão.

Minha experiência através desse trabalho, não apenas ampliou meu entendimento sobre a importância da educação inclusiva e culturalmente sensível, mas também acendeu uma chama em meu coração. A cada descoberta, a cada relato

² O certificado (em Anexo) é um reconhecimento do meu trabalho e dedicação à pesquisa, e representa uma conquista significativa em minha trajetória acadêmica. Estou imensamente grata à Fapema por essa oportunidade e honrada por fazer parte desse seleto grupo de finalistas.

compartilhado pelas lideranças indígenas, minha convicção se fortalecia: era necessário fazer mais.

Foi assim que decidi direcionar meu TCC na segunda graduação em Direito. O tema escolhido foi “A garantia do Acesso à Justiça dos Povos Indígenas no Estado do Maranhão” (Assis, 2023). Profundamente inspirado pelas histórias de luta e resiliência dessas comunidades, mergulhei na pesquisa. Queria entender como o Poder Judiciário poderia contribuir para efetivar e consolidar os direitos indígenas.

A publicação desse estudo na Revista de Ciências Jurídicas representa o ápice desse compromisso. Cada página escrita foi movida pela urgência de justiça, pela necessidade de dar voz aos que muitas vezes são silenciados. Acredito que, por meio do conhecimento e da atuação, podemos pavimentar um caminho mais justo e igualitário para todos, especialmente para aqueles que há séculos lutam por reconhecimento e dignidade. Dessa forma, para estruturar minha pesquisa no Curso de Direito, o artigo publicado se divide em quatro seções principais, cada um abordando aspectos cruciais do acesso à justiça para os povos indígenas no Maranhão.

A primeira seção, intitulada “O Acesso à Justiça e a Garantia dos Direitos dos Povos Indígenas na Perspectiva da Ordem Jurídica Brasileira”, contextualiza o acesso à justiça para os povos indígenas à luz da ordem jurídica brasileira. Em vista, a evolução dos direitos indígenas no Brasil, com destaque para a Constituição Federal de 1988, que reconhece e protege os direitos dos povos indígenas. Precipualemente, as legislações específicas que garantem esses direitos e como essas normas são implementadas e respeitadas no âmbito nacional.

Na segunda seção, “Meios de Acesso à Justiça pelos Povos Indígenas no Estado do Maranhão”, há a identificação e discussão sobre os diferentes meios pelos quais os povos indígenas do Maranhão podem acessar a justiça. Por conseguinte, a os desafios enfrentados, como a discriminação, a falta de infraestrutura adequada, a barreira linguística e a ausência de representantes indígenas nos órgãos judiciais. A exploração das iniciativas locais e regionais que buscam superar esses obstáculos e facilitar o acesso à justiça para os indígenas.

A terceira seção, “Análise da Aplicação do Direito Indigenista pelo Poder Judiciário no Estado do Maranhão”, foca na análise de como o Poder Judiciário do Maranhão aplica o direito indígena. Portanto, submete-se à investigação de casos específicos e decisões judiciais que envolvem os povos indígenas, avaliando se as

leis e direitos previstos estão sendo adequadamente implementados e respeitados. Discute a formação e sensibilização dos operadores do direito para lidar com questões indígenas e a eficácia das políticas públicas na promoção da justiça para essas comunidades.

Finalmente, nas considerações finais, reitero a importância de um sistema de justiça inclusivo que atenda às necessidades específicas dos povos indígenas. Com ênfase nas necessidades de uma abordagem intercultural e de políticas públicas efetivas que garantam o acesso à justiça de forma plena e igualitária. Concluo com recomendações para melhorar a situação hodierna, sugerindo caminhos para a superação das barreiras existentes e a promoção de um sistema judicial mais justo e inclusivo para os povos indígenas do Maranhão.

Apresentação dos Capítulos

Este trabalho, realizado na iniciação científica do Curso de Pedagogia, está estruturado em três capítulos: o primeiro é a Introdução que foi apresentada anteriormente. O segundo capítulo destina-se à apresentação de dois tópicos produzidos para o verbete "Guajajaras" na Wikipédia, que contemplam uma análise detalhada sobre os líderes e os acontecimentos da missão de Alto Alegre. Por fim, o terceiro capítulo dedica-se à análise do impacto desse estudo na compreensão de estudantes por meio de uma pesquisa de opinião. Inclui-se neste capítulo uma descrição e análise pormenorizada dos dados recolhidos por meio de questionários relacionados aos verbetes produzidos e inseridos no verbete "Guajajaras" da Wikipédia, aplicados aos estudantes dos cursos de Pedagogia e Jornalismo.

2 TÓPICOS PRODUZIDOS PARA O VERBETE “GUAJAJARAS” DA WIKIPÉDIA

Vale comentar que o texto produzido e publicado na Wikipédia em 2020 passou por pequenas alterações redacionais, no sentido de melhorias, devido ao fato de a plataforma permitir aos usuários editar o verbete a qualquer momento. No dia 27 de abril de 2024, por exemplo, verificou-se que o verbete “Guajajaras” foi editado pela última vez no dia 19 de abril de 2024. Portanto, o texto que será exposto a seguir é o texto originalmente inserido na Wikipédia.³ Cumpre esclarecer também que optou-se por apresentar o texto tal como foi inserido na Wikipédia, sendo que este não segue a rigor a norma para citações da ABNT devido à configuração da plataforma.

2.1 Resistência em Alto Alegre

Vamos contar um pouco a história da resistência Guajajara em Alto Alegre, no estado do Maranhão. Aconteceu em 1901 e é lembrada até os dias de hoje.

Tudo começou em 1895 quando os capuchinhos italianos chegaram em Barra do Corda (Centro-Sul do Maranhão) para exercerem atividades missionárias no contexto da política indigenista dos primórdios da República no Brasil. O objetivo dos capuchinhos era catequese e civilização dos índios, colocando o cristianismo em prática entre a população indígena e também sertaneja.

Na cidade de Barra do Corda, os capuchinhos fundaram um internato (colégio) para meninos e jovens indígenas. Depois disso, eles compraram terras situadas entre Barra do Corda e Grajaú e criaram a colônia indígena de São José da Providência. Nessa colônia implantaram um colégio para meninas e moças indígenas.

Nos internatos capuchinhos as crianças eram instruídas, evangelizadas e educadas em uma perspectiva muito diferente do cotidiano indígena (Custódio, 2020). Mas o maior problema é que eles recrutavam, muitas vezes, forçadamente as crianças das aldeias (Abreu, 1931, p. 220).

Na colônia, além de trabalhos agrícolas e outros serviços, os indígenas adultos participavam de missas, terços e aulas de catecismo, pois os capuchinhos impunham

³ O verbete “Guajajaras” está disponível para consulta em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guajajaras>.

seus rituais e conceitos cristãos. Esse tipo de aculturação foi gerando muito descontentamento entre os indígenas e o nascimento de um movimento insurrecional conhecido como Massacre de Alto Alegre.

Essa rebelião teve início no dia 13 de março de 1901 quando centenas de indígenas atacaram a Colônia de Alto Alegre e em seguida as fazendas circunvizinhas, tomando posse das terras que pertenciam aos seus antepassados. Esse movimento durou alguns meses até que a força militar conseguisse prender as lideranças. Houve centenas de mortes de indígenas e não indígenas (Gomes, 2002, p. 264-277).

Entre as lideranças indígenas que viviam na Colônia de Alto Alegre e participaram da rebelião estava João Caboré ou Cauré Imana (seu nome indígena). Segundo o livro de Olímpio Cruz, publicado em 1982, Cauré era um dos mais bravos guerreiros do povo Guajajara. Nascido na aldeia Jacaré, foi um *tuxaua* (chefe de uma aldeia) muito valente e astuto, e sonhava com a libertação de seu povo que historicamente era ameaçado com a escravização e perda de terras. Na época da rebelião de Alto Alegre sua idade aparente era em torno dos 40 anos (Cruz, 1982).

Ainda segundo Olímpio Cruz, Cauré era um importante líder, por isso ganhou grande destaque no feito da missão dos capuchinhos. O próprio Cauré teria sido o artífice do levante dos indígenas, que originou várias memórias locais. De fato, Cauré é considerado o principal líder da rebelião de Alto Alegre.

A rebelião ocorreu porque os indígenas não aceitaram a colônia (redução) criada pelos frades. E também porque queriam de volta as terras da colônia e das fazendas ao redor que pertenciam aos seus ancestrais segundo constatou Claudio Zannoni em suas pesquisas publicadas em 1999 (Zannoni, 1999).

Além disso, o Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais do Maranhão (IPES) aponta como causa imediata da rebelião o fato de Cauré ser acusado pelos frades de bigamia. Ele separou-se de sua esposa com quem tinha um matrimônio cristão e uniu-se com outra mulher. Foi preso pela guarda indígena que existia na colônia dos frades. Nisso, Cauré foi punido e ficou detido durante quatro semanas.

Após esse fato, encaminhou-se para São Luís a fim de denunciar a violência que sofreu às autoridades e ao próprio governador. Dessa forma, a agressão sofrida por Cauré particularmente se tornou um dos motivos fortes para a organização de uma rebelião (Instituto, 1981, p. 108-116). Vale comentar que essa pesquisa do IPES foi redimensionada em livro (Santos, 1991).

Aproximadamente no final de maio de 1901, quando a rebelião foi contida, Cauré foi preso juntamente com os outros líderes que o apoiaram. Olímpio Cruz afirma que foi instaurado um inquérito, sendo Cauré o primeiro a ser ouvido nos longos interrogatórios e o mais acusado por ser considerado a cabeça do movimento.

Cauré faleceu no mesmo ano de sua prisão, sendo vítima de febre palude. Mas também dizem que sua morte pode estar envolvida com as agressões sofridas na cela. O memorialista Olímpio Cruz é partidário da versão de que Cauré sofreu maus tratos na prisão (Cruz, 1982, p. 92).

Sem dúvida, Cauré foi um grande líder local e articulador da revolta. Mas ele não foi o único haja vista que é demonstrado nos jornais da época a presença de outros líderes. Na verdade, os eventos de Alto Alegre foram noticiados pelo Jornal O Norte, de Barra do Corda, sendo que os trechos referentes à rebelião foram compilados pelo pesquisador Claudio Zannoni em 1994 (Zannoni, 1994, p. 68-69, 71-72, 79-81, 84-85, 90, 93, 98-100).

Lendo os trechos do jornal O Norte compilados por Zannoni vemos alguns nomes das seguintes lideranças indígenas: Manoel Justino, Jorge Mariano, Pedro, Chitão, Fortunato, João Cesário, Serafim, José Lima e suas companheiras. Aparece também um indígena chamado Luizão que teria dito no inquérito policial que estava doente enquanto acontecia o conflito e por isso não esteve presente. Mas Luizão declarou que Manoel Justino era responsável pelo que houve com Urçula (*Idem*).

Urçula era uma cristã que vivia no colégio das meninas e foi retida pelos indígenas até ser localizada pelos militares e encaminhada para a casa de seus parentes em Barra do Corda. Há notícias de que outras meninas cristãs também foram retidas pelos indígenas, algumas são tidas como desaparecidas (Custódio, 2020, p. 334).

O Jornal O Norte noticiou também a declaração do indígena José Vianna que teria sido contra a rebelião. Relata que ele foi o primeiro a levar pessoalmente a notícia da revolta para Barra do Corda, deixando o povo de sobreaviso. Voltando a sua aldeia, José Viana teria denunciado a presença do líder Pedro nesse lugar. José Vianna foi um vigilante em favor dos cristãos, diz o jornal (Zannoni, 1994, p. 84-85).

2.2 Memórias

O ocorrido em Alto Alegre se tornou grande destaque na história maranhense

e pode ser considerado uma das mais incríveis histórias dos povos indígenas. Narrativas diversas surgiram após o ataque contra a missão e as fazendas próximas, mas muitas delas colocaram os indígenas como vilões da história. Contudo, é preciso considerar outras memórias a partir do ponto de vista indígena.

Mundico Carvalho (antigo Guajajara da Aldeia Olho d' Água) era um guardião da memória da revolta de Alto Alegre. Contribuiu com uma entrevista concedida à equipe de pesquisadores do Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais do Maranhão (1981, p. 108-116). Nessa entrevista, Mundico relatou que conviveu com vários parentes que foram afetados pela rebelião de Alto Alegre, trazendo sequelas incuráveis das agressões psicológicas e físicas que sofreram ao longo de sua vida na colônia e no período de enfrentamento da perseguição militar.

Mundico contou que escutou muita coisa sobre a guarda indígena criada pelos capuchinhos na Colônia de Alto Alegre. Disse que a guarda era para capturar índios que fugiam da missão e trazê-los de volta. E isso gerava insatisfação, pois os indígenas eram alvos de punição. Relata também com bastante ênfase como as crianças indígenas eram tratadas durante as visitas dos missionários e de seus funcionários às aldeias.

Segundo ele, “Eles já logo começando a tomar os cabloquinhos à força. Botavam um empregado deles - Atanásio, que era o carpinteiro dos padres, botavam ele assim pra ir nas aldeias. Entoce o índio quando vê caraí [branco] chegar assim, na aldeia, ajunta tanta criança... que Atanásio pegava, apartava os indiozinhos, enganando, até que terminasse. Os que queriam ir, ele levava pra ele. Mas ele conseguia tomando à força, à força. Agora, uma índia descansava, ele apanhava a criança molinha e levava pra lá. Lá nem pai nem mãe não via mais aquela criança” (Instituto, 1981, p. 111-112). Mundico Carvalho contou também que na Colônia de Alto Alegre os indígenas adoeciam em decorrência de epidemias como o sarampo e as crianças eram as maiores vítimas.

Mundico lembrou ainda que, após a rebelião e perseguição policial, alguns de seus parentes ficaram com fragmentos de bala em todo corpo devido aos disparos. Disse ele: “Quando cheguei aqui nesse município de Barra do Corda, diversas vezes apreciei noites em que eles contavam. Ainda vi índio ferido de bala, ainda vi índio ferido com caroço de chumbo na perna deles, no braço, ainda vi” (Instituto, 1981, p. 116).

Um pouco distante de Barra do Corda estavam outros parentes de Caiuré, pois

após a rebelião alguns de seus descendentes encontraram abrigo nas terras de Grajáú, no lugar chamado Bacurizinho, onde está hoje a Terra Indígena do mesmo nome. Nesse território foram encontrados os netos de Cauriré: Acelina Mendes Guajajara e Zezinho Mendes Guajajara. Ela nasceu na aldeia Talhada em 10 de agosto de 1937 e viveu na Aldeia Cocalinho. Ele também nasceu na mesma aldeia, provavelmente em 1939/40, e viveu na Aldeia de Nazaré como cacique. Não tiveram a oportunidade de conhecer seu avô Cauriré, mas cresceram ouvindo muitas histórias sobre ele.

Os episódios referentes à rebelião de Alto Alegre são compreendidos por Zezinho como algo que “não era para ser desse jeito, mas como não tinha outro jeito... aí aconteceu” (Custódio, 2020, p. 336).

Já Acelina contou que: “Eu não conheci meu avô Cauriré, nem minha mãe chegou a conhecer bem o pai dela porque logo depois do conflito eles pegaram ele e levaram para Barra do Corda. Naquele tempo, meu avô avisava o pessoal das aldeias que vinha perseguição, alguns não acreditavam e eram pegos. Meus parentes passaram a vida escondidos, e nós também, com medo do pessoal. Iam sempre para mais longe. Tinha um cacique que vigiava e sempre avisava para nós irmos mais para as matas” (Custódio, 2020, p. 338).

Por sua vez, Zezinho disse que: “A família do meu avô Cauriré veio prá cá e se instalou aqui, mas o resto da família ficou em Alto Alegre. Eu tenho vontade de conhecer o resto do pessoal que ficou em Alto Alegre. Desde que aconteceu o conflito nós nunca mais fomos para lá. Porque a mãe falava que lá era perigoso. Lá o pessoal era tudo... Por isso eu vim embora de lá [dizia ela]. Teve uma das primas dela que foi a Alto Alegre e quebrou a perna e lá foi morta... Os outros correram, um veio para cá e outro seguiu para o rumo da Língua Comprida” (*Idem*).

3 RESULTADOS

O primeiro resultado considerável é a produção de um texto com linguagem acessível e fundamentado teoricamente conforme exigem as normas da Wikipédia. Apesar de seguir a uma árdua revisão para submeter o trabalho aos regimentos da plataforma, se fez necessário considerar a importância da linguagem acessível para a compreensão do contexto histórico, a qual foi um dos motivos de escolha do sítio eletrônico supracitado.

Vale comentar que é importante que a história e a cultura indígena sejam apresentadas de forma acessível para que os jovens possam compreender a Rebelião de Alto Alegre, como as demais histórias indígenas que valorizam a diversidade cultural do país. A utilização de uma linguagem clara e didática é fundamental para que os jovens possam se identificar e se interessar pelo tema e, assim, contribuir para a promoção da diversidade cultural na sociedade (Machado, 2018).

Como já mencionado, o texto produzido e publicado na página da Wikipédia é constituído por dois tópicos que foram inseridos no subtítulo “Conflito com os brancos” do verbete “Guajajaras”. São eles: Resistência em Alto Alegre e Memórias. Esses tópicos foram sugeridos para a leitura, reflexão e fundamento para responder questionários aplicados a um grupo de 15 estudantes da UFMA (campus Imperatriz) dos cursos de Pedagogia e Jornalismo, considerando que são duas categorias de futuros profissionais que atuarão basicamente na formação de opinião.

Dessa forma, é imprescindível o conhecimento da história e da cultura dos povos indígenas do Brasil para a formação de professores e de jornalistas, para que possam ensinar e comunicar a diversidade étnica e cultural da nação brasileira e, com isso, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e democrática (Pacheco, 2018).

Para os estudantes de pedagogia, entender a história indígena é essencial para o desenvolvimento de uma educação intercultural, que reconheça e respeite as diferenças culturais e promova a inclusão dos povos indígenas no sistema educacional. Compreender a história e a cultura indígena também ajudará os futuros educadores a entenderem a importância do ensino da história indígena nas escolas, bem como a luta dos povos indígenas por seus direitos e territórios.

Para os estudantes de jornalismo, conhecer a história indígena é importante para promover a representatividade dos povos indígenas na mídia e evitar a perpetuação de estereótipos e preconceitos. Também é importante entender a luta

dos povos indígenas por seus direitos e territórios, bem como as questões ambientais e de desenvolvimento que afetam essas nações.

3.1 Sistematização e discussão dos dados

Uma breve análise do perfil das pessoas entrevistadas (cf. Quadro 1) mostra que 13 estão na faixa etária abaixo de 30 anos, ou seja, são a população mais jovem. Há três jovens entre 17 e 19 anos cujas idades indicam que estudam na idade certa conforme recomendam as políticas educativas. Há oito jovens entre 20 e 24 anos que ingressaram na universidade em idade ligeiramente tardia se considerarmos que o ensino médio que deve ocorrer dos 15 aos 17 anos. O fator idade talvez explique o alto percentual dos que se autodeclararam apenas “estudantes” (nove), todavia, não se investigou se ser estudante é opção ou situação de não trabalho.

QUADRO 1: IDENTIFICAÇÃO DOS VISITANTES DIGITAIS

Questões	Respostas	Observações
Idade	17 a 19 anos: 3 20 a 24 anos: 8 25 a 29 anos: 2 30 a 34 anos: 1 45 a 49 anos: 1	Seguiu-se a pirâmide etária do IBGE
Curso Superior Frequentado/concluído Universidade/Faculdade	5 cursam Jornalismo 10 cursam Pedagogia	2 possuem graduação concluída na UEMASUL
Profissão e área de atuação	Estudantes: 9 Cuidador Social: 1 Agente de Saúde: 1 Educadora de Creche: 1 Recepcionista: 1 Vendedor: 2	Considerou-se estudante a pessoa que apenas estuda e não trabalha em mercado formal ou informal
Responderam o Questionário	15	

Como se verifica no Quadro 1, o fato de os jovens serem a maioria que

participou da pesquisa de opinião, é interessante destacar que estes são apresentados como o futuro da sociedade e responsáveis pela construção de um país mais justo e igualitário. É fundamental que os jovens hodiernos conheçam a história e a cultura dos povos indígenas para que possam compreender a diversidade cultural do Brasil, e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Almeida, 2014). Nesse sentido, o conhecimento da história pode ser um importante instrumento de reflexão crítica e conscientização sobre questões sociais e políticas que afetam o presente e o futuro da sociedade brasileira.

O primeiro bloco de questões (cf. tabelas 1, 2 e 3) diz respeito ao uso da Wikipédia e conhecimento da página Guajajaras e da história da rebelião de Alto Alegre.

TABELA 1: CONSULTA À WIKIPÉDIA

Opções	Consultam
Frequentemente	5
Às vezes	6
Raramente	4
Nunca	0

TABELA 2: CONHECIMENTO DO VERBETE “GUAJAJARAS”

Opções	Conheciam
Sim	04
Não	11

Em relação à enciclopédia online, 11 a usam “frequentemente” ou “às vezes”. Contudo, 11 não conheciam a página Guajajaras, a qual conclui-se que o uso da Wikipédia pode ser uma fonte útil para se obter informações sobre contextos históricos, especialmente para jovens que estão iniciando suas pesquisas, tornando-a uma plataforma atual.

TABELA 3: HISTÓRIA DA REBELIÃO DE ALTO ALEGRE

Opções	Conheciam
Sim	04

Não	11
-----	----

No tocante à história da Rebelião de Alto Alegre, apenas quatro pessoas assinalaram que conheciam esse evento. Relacionando essa resposta com outra do último bloco de questões dissertativas, que se verá mais adiante, verifica-se que entre as quatro pessoas que conhecem a história da rebelião de Alto Alegre apenas duas delas dizem conhecer uma das obras que fundamentaram a escrita dos tópicos produzidos para Wikipédia: o livro *Cauré Imana*, de Olímpio Cruz (1984).

Pode-se comentar que as respostas evidenciam a precariedade do ensino de história regional e história indígena brasileira ministrado na educação básica, considerando que a rebelião de Alto Alegre teve repercussão nacional e é parte significativa da história da resistência indígena no Brasil. A precariedade do ensino de história nos coloca diante de uma situação paradoxal: ao mesmo tempo em que temos acesso a um acervo documental cada vez mais amplo, estamos perdendo a capacidade de compreender a complexidade das relações entre os diversos eventos históricos e, conseqüentemente, de formar uma visão crítica e contextualizada do passado. Isso é particularmente grave quando se trata de evento como a rebelião de Alto Alegre, que envolve a luta dos povos indígenas por seus direitos e por uma vida digna.

Portanto, a falta de conhecimento sobre a história indígena da rebelião de Alto Alegre no Maranhão pode trazer diversas conseqüências, como a falta de compreensão da luta dos povos indígenas, o desrespeito aos direitos territoriais, a perpetuação de preconceitos, a perda da memória e identidade cultural (Silva, 2017). Sendo assim, é mister a temática dessa pesquisa, a qual promove o conhecimento desse contexto histórico.

O conhecimento da história indígena é fundamental para a valorização e o respeito aos povos indígenas, bem como para o entendimento da diversidade cultural e história do Brasil. A falta desse conhecimento pode trazer prejuízos como a discriminação e a desvalorização da identidade cultural dos povos indígenas. Essa não é apenas uma questão da educação maranhense como mostra a opinião de uma das pessoas que respondeu o questionário:

No meu ponto de vista, o texto está muito bom, explicativo e interessante, pois apesar de eu ser estudante da UFMA não sou do Maranhão e nunca fui ao estado (entrei durante a pandemia com ensino remoto). Eu não conhecia a história deste povo, então eu gostei muito, o texto é claro e se desenvolve

de uma forma fácil para o entendimento principalmente para pessoas que nem eu, que ainda não conhecem/conheciam a história desse povo.

O segundo bloco de questões (cf. tabelas 4 e 5) versou sobre os tópicos elaborados e postados na Wikipédia (Resistência em Alto Alegre e Memórias).

TABELA 4: TÓPICO “RESISTÊNCIA EM ALTO ALEGRE”

Opções	Avaliam
Esclarecedor	14
Esclarecedor, mas insuficiente para compreender a história da rebelião de Alto Alegre	01
Pouco esclarecedor	0
Nada esclarecedor	0

TABELA 5: TÓPICO “MEMÓRIAS”

Opções	Avaliam
Esclarecedor	14
Esclarecedor, mas insuficiente para compreender a história da rebelião de Alto Alegre	01
Pouco esclarecedor	0
Nada esclarecedor	0

Todas as 15 pessoas abordadas disseram que esses tópicos contribuíram para conhecer a história das lideranças indígenas e sua participação na missão capuchinha, assim como a rebelião de Alto Alegre contada e recontada ao longo do tempo tanto pelos indígenas como pela literatura especializada. 14 pessoas, no último bloco, de questões dissertativas, escreveram: 1) “Os tópicos estão bem organizados e claros, e explicam bem o assunto tratado, importante para ampliar o conhecimento de todos”; 2) “Está ótimo”; 3) “Está muito bom”; 4) “Achei perfeito”; 5) “Gostei dos tópicos”. Mas pontuaram algumas sugestões e críticas que serão discutidas mais adiante.

Como já anunciado, o terceiro e último bloco de questões exigiu respostas dissertativas e, por essa razão, as respostas não serão apresentadas em quadros.

O que mais chamou a sua atenção nos tópicos?

Essa questão foi respondida por 11 pessoas. Elas captaram um dos objetivos da pesquisa, a saber: examinar indígenas como agentes táticos e/ou estrategistas na relação com os não indígenas. Isto quer dizer que compreenderam o sentido da pesquisa: apresentar outra versão para a história dos indígenas e da rebelião de Alto Alegre a partir da literatura que analisa o ponto de vista nativo. Eis algumas respostas que chamaram muito a atenção:

1. “Já tinha ouvido minha avó que contava a história, mas o que me chamou mais atenção foi a coragem dos indígenas lutarem bravamente pelo seu povo e pela conquista de suas terras, fato esse que minha avó não contou. Ela falava apenas do massacre, sem contar o que de fato realmente tinha acontecido e o porquê dessa luta.
2. Achei importante explicar o que aconteceu e o motivo, porque a maioria das histórias é contada por “brancos” que dizem que índios são os vilões.
3. [Interessantes] As memórias da população sobre essa vivência. A luta e os direitos que queriam conquistar. O depoimento dos parentes sobre o ocorrido.
4. Foi muito importante compreender as origens e a luta dos povos indígenas.
5. Mostra que os índios não se renderam aos brancos”.

Ao que indicam as respostas, apresentadas a seguir, a questão supracitada possibilitou aos estudantes pensar o presente a partir do passado, no que se refere à resistência indígena, em que o passado é um campo de batalha, onde histórias em disputa são elaboradas e mobilizadas para propósitos do presente (Silva, 2020).

1. “A parte que me chamou a atenção no tópico da Resistência em Alto Alegre foi o fato de os capuchinhos forçarem as crianças para serem evangelizadas e educadas. Isso foi desrespeitoso com a cultura de um povo. Mas tirando do contexto histórico hoje se reflete muito isso na nossa atualidade de forma implícita onde as pessoas julgam que suas religiões são superiores às outras, isso se dá muito por uma questão histórica.
2. A manipulação era muito abrangente em um contexto cultural de relação de “superioridade”. Coisa que ainda acontece em pequenos e grandes espaços do nosso país.”

Dê sugestões para que os tópicos sejam melhorados.

Essa questão foi respondida por 11 pessoas. As considerações feitas são relevantes para se aperfeiçoar os tópicos postados, pois o feedback dos usuários é uma das formas mais valiosas de melhorar a qualidade de um conteúdo online,

incluindo artigos na Wikipédia.

Com base nas críticas e sugestões dos jovens é possível fazer ajustes e melhorias que tornem o conteúdo mais acessível e relevante para um público mais amplo, como adotar a sugestão de que sejam inseridas imagens “para tornar a leitura mais dinâmica e enriquecedora para a compreensão dos fatos”. E, realmente, é importante, pois uma leitura de imagem estimula mais o leitor.

De fato, não é possível refletir sobre a educação e a prática educativa sem referência à leitura do mundo, à leitura da palavra e à leitura da imagem, que possibilitam a compreensão dos fatos sociais, culturais, econômicos e políticos e, por isso mesmo, constituem-se em instrumentos indispensáveis para a conquista da cidadania (Freire, 1996. p. 42).

Todavia, desconhecendo as regras da Wikipédia, que não permitem a publicação de trabalhos inéditos, uma pessoa sugeriu “que tivesse desenhos produzidos pelos indígenas”. Também desconhecendo as normas de publicação de imagens, sobretudo de seres humanos, outra pessoa sugeriu “adicionar as fotografias dos indígenas que relataram o conflito”. Porém, se forem localizados desenhos e fotografias em acervos de domínio público ou disponíveis para uso livre e gratuito poderão ser utilizados.

Outra sugestão que poderá ser incorporada é acrescentar um parágrafo conclusivo no tópico Memórias, pois ele termina com a citação de trechos da entrevista de indígenas publicada no artigo de Custódio (2020). E, ainda, revisar a língua portuguesa dos dois tópicos.

Você tem mais alguma observação a fazer?

Essa questão foi a última, sendo respondida por seis pessoas. As considerações feitas são relevantes para se organizar futuras pesquisas dessa natureza.

1. Gostei muito da iniciativa que mostra que não devemos esquecer dessa parte da história que nos completa como sociedade.
2. Eu gostei do conteúdo, é bom saber que não são todas as pessoas que veem os índios como vilões.
3. Só para finalizar queria parabenizar os envolvidos neste projeto, achei muito interessante.
4. Mais projetos como esse acredito que se fazem necessários, principalmente no aspecto político desastroso atual [refere-se ao governo Bolsonaro] se faz importante conhecer histórias como essa
5. Gostaria que se tivessem mais assuntos que possam aprofundar essa temática, que trouxessem da mesma forma simplificada. Acredito que eu amaria ler de novo, igual este.

Em resumo, chamou a atenção dos jovens os contextos da história indígena, o depoimento dos parentes do líder da rebelião, as relações de poder entre indígenas e não indígenas, a educação imposta às crianças, a luta e a conquista de liberdade dos indígenas em Alto Alegre.

Como exposto no texto publicado na Wikipédia, os relatos e depoimentos dos povos indígenas são fundamentais para a compreensão dos processos históricos e das relações interétnicas. Desse modo, o protagonismo indígena é essencial para a compreensão dos conflitos e das tensões interétnicas, bem como para a identificação das formas de resistência e das lutas por direitos (Souza, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, pode-se concluir que os objetivos traçados foram satisfatoriamente atingidos, pois foram produzidos dois verbetes sobre os indígenas e seus descendentes envolvidos com a Rebelião de Alto Alegre: Resistência em Alto Alegre e Memórias. Esses tópicos compõem o verbete “Guajajaras” da Wikipédia e contribuem para maior conhecimento da história desse povo no Maranhão e sua luta contra a assimilação.

Em geral, percebeu-se que a metodologia adotada favoreceu a construção dos verbetes, a partir de uma literatura clássica e contemporânea sobre o povo Guajajara da região de Barra do Corda. Possibilitou compreender melhor a presença de lideranças indígenas e seu papel ativo no contato com os missionários. Tais figuras são muito relevantes e precisam ser conhecidas amplamente, o que justifica sua menção em tópicos da página da Wikipédia que trata de “Guajajaras”.

Pode-se dizer também que com esse trabalho chegou-se mais perto do objetivo de investigar formas digitais de divulgação da pesquisa histórica. Nesse sentido, constatou-se que a Wikipédia é uma ferramenta adequada para isso, contudo, exige um árduo processo de produção e revisão textual. Isso porque é difícil produzir textos com linguagem mais acessível para facilitar a comunicação com o leitor. Porém, textos assim fazem com quem as pessoas tenham a oportunidade de conhecer e se interessar mais pela história indígena. Tanto é que todos os colaboradores salientaram que a leitura dos tópicos contribuiu com o conhecimento da história indígena.

Vale ressaltar ainda a importância da divulgação da história indígena do ponto de vista dos povos originários, mostrando sua resistência e luta contra o projeto de colônia indígena dos capuchinhos no contexto da política indigenista dos primórdios da República no Brasil. Essa iniciativa ganha relevância, em especial, entre a juventude universitária que muitas vezes desconhece essa perspectiva como mostrou a pesquisa de opinião. Desse modo, o verbete constrói memórias e desconstrói estereótipos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **História Indígena no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2014.

AMOROSO, Marta Rosa. Mudança de hábito: catequese e educação para índios nos aldeamentos capuchinhos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 101-114, jun. 1998.

ASSIS, Maria Isabelle Evangelista. A garantia do acesso à justiça dos povos indígenas no Estado do Maranhão. **Ciências Jurídicas**, v. 27, n. 120, p. 123-135, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.7788091. Disponível em: <<https://revistaft.com.br/a-garantia-do-acesso-a-justica-dos-povos-indigenas-no-estado-maranhao/>>. Acesso em: 01 mar. 2024.

CARVALHO, Maria Goretti Cavalcante de. **A Missão do Maranhão (1894-1922):** acontecimento, particularidades e enredamento nos arquivos capuchinhos. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, UNISINOS, São Leopoldo, 2017.

CRUZ, Olimpio. **Cauré Imana, o cacique rebelde**. Brasília: Thesaurus, 1982.

CUSTÓDIO, Maria Aparecida Corrêa. Missão capuchinha e resistência Tentehar: releituras do Conflito de Alto Alegre. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 50, n. 175, p. 316-342, 2020.

DUDENEY, Gavin; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Mércio Pereira. **O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MACHADO, R. M. **Educação intercultural: um desafio para a diversidade cultural**. São Paulo: Cortez, 2018.

NEMBRO, Metodio de. **São José de Grajaú: primeira prelazia do Maranhão**. Fortaleza: Edições A Voz de São Francisco, 1955.

PACHECO, Eliezer Moreira. **Educação Escolar Indígena e Formação de Professores: entre o protagonismo e a invisibilidade**. Curitiba: CRV, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. 5 reimpr. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Marcos A. da. Sobre a escrita da história da educação brasileira. In: CANDAU, Vera M. (Org.). **Rumo a uma nova didática**. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 17-40.

SILVA, João. **História e Educação**: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora Moderna, 2017.

SOUZA, Mariana Paladino de. Relatos e depoimentos indígenas: fontes para a história do Brasil. **Revista de História**, São Paulo, v. 170, p. 27-44, jul./dez. 2014.

ZANNONI, Claudio. **Conflito e coesão**: o dinamismo tenetehara. Brasília: CIMI, 1999.

APÊNDICE

Questionário para aferir a opinião de visitantes digitais sobre os tópicos “Resistência em Alto Alegre” e “Memórias” publicados na página “Guajajaras” da Wikipédia

Prezado (a) colaborador (a)

Este questionário faz parte de um Plano de Trabalho de iniciação científica intitulado “Construindo verbetes para a Wikipédia: figuras indígenas na história da Missão do Maranhão”. Esse trabalho está vinculado a um projeto de pesquisa sobre Índios e missionários na Amazônia republicana: educação, religião e política.

Na verdade, estudamos a Missão do Maranhão (1894-1922) desenvolvida pelos missionários italianos da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos por meio de uma série de atividades.

O ponto forte da missão foi o trabalho com os indígenas. Os missionários criaram um internato para meninos índios em 1895 na cidade de Barra do Corda. Esse trabalho funcionou até mais ou menos 1910. Os missionários também criaram uma colônia indígena em 1896 em um sítio próximo de Barra do Corda. Nessa colônia havia um internato para meninas índias. Esse trabalho funcionou até março de 1901.

O ponto fraco da missão foi a rebelião de Alto Alegre que ocorreu aproximadamente entre março a maio de 1901. Essa rebelião foi liderada pelo povo Guajajara (autodesignado Tentehar) que era a maioria na região, pondo fim à colônia indígena e ao internato de meninas. É conhecida como Massacre de Alto Alegre e até hoje representa um evento que repercute na memória dos indígenas e do povo da região de Barra do Corda.

Mas é preciso rever essa história para conferir maior visibilidade aos indígenas que aparecem dispersos na literatura e ocupam o lugar de personagens anônimos na história da missão capuchinha. Por essa razão, os tópicos “Resistência em Alto Alegre” e “Memórias” buscam realçar os indígenas que de alguma forma estiveram envolvidos com a missão.

Por favor, acesse a página Guajajaras da Wikipédia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guajajaras>.

Leia os tópicos “Resistência em Alto Alegre” e “Memórias” e responda às questões. Se não for possível acessar a página Guajajaras, solicite o verbete por email.

Equipe responsável

Profa. Dra. Maria Aparecida Corrêa Custódio – mac.custodio@ufma.br

Bolsista de iniciação científica – Maria Isabelle Evangelista de Assis -
assis.maria@discente.ufma.br

Esclarecemos que os usos das informações oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos. Nesse sentido, sua identidade estará preservada e não será divulgada. Estaremos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

1. Idade: _____
2. Curso Superior frequentado/concluído: _____
3. Universidade/Faculdade: _____
4. Profissão e área de atuação: _____
5. Você consulta a Wikipédia? Assinale X:
 Frequentemente
 Às vezes
 Raramente
 Nunca
6. Você conhecia a página Guajajaras? Assinale X:
 Sim
 Não
7. Você conhecia a história da rebelião de Alto Alegre? Assinale X
 Sim
 Não
8. Como você avalia o tópico “Resistência em Alto Alegre”? Assinale X:
 Esclarecedor
 Esclarecedor, mas insuficiente para compreender a história da rebelião de Alto Alegre
 Pouco esclarecedor
 Nada esclarecedor

9. Como você avalia o tópico “Memórias”? Assinale X:

() Esclarecedor

() Esclarecedor, mas insuficiente para compreender a memória sobre rebelião de Alto Alegre

() Pouco esclarecedor

() Nada esclarecedor

10. O tópico “Resistência em Alto Alegre” contribuiu para você conhecer a história das lideranças indígenas e sua participação na missão capuchinha? Assinale X:

() Sim

() Não

11. O tópico “Memórias” contribuiu para você conhecer a história dos indígenas em Alto Alegre contada e recontada ao longo do tempo? Assinale X:

() Sim

() Não

12. Você já leu alguma obra que foi utilizada para a produção dos tópicos “Resistência em Alto Alegre” e “Memórias”? Assinale X:

() Sim

() Não

Se a resposta for “Sim”, cite quais obras você leu: _____

13. O que mais chamou a sua atenção nos tópicos? _____

14. Dê sugestões para que os tópicos sejam melhorados. _____

Você tem mais alguma observação a fazer? _____

ANEXO

Menção Honrosa

O Governo do Estado, por meio da Fapema, confere menção honrosa a MARIA ISABELLE EVANGELISTA DE ASSIS, em reconhecimento à sua contribuição ao desenvolvimento científico-tecnológico do Maranhão, com o trabalho “CONSTRUINDO VERBETES PARA A WIKIPÉDIA: FIGURAS INDÍGENAS NA HISTÓRIA DA MISSÃO DO MARANHÃO”.

São Luís, 07 de dezembro de 2022